

DO DISCURSO MINORITÁRIO À ASCENSÃO AO PODER: O CRISTIANISMO DOS PRIMEIROS SÉCULOS E O PROCESSO DE ACULTURAÇÃO

Pablo Gatt Albuquerque de Oliveira¹

Resumo: Até a consagração do Cristianismo como religião oficial do Império Romano, pelo imperador Teodósio, mediante o Édito de Tessalônica de 380, os adeptos a este movimento foram perseguidos e obrigados a renunciarem sua fé. Nesse sentido, a trajetória e a expansão da religião cristã, atendendo a inúmeros processos de aculturação, difundiu-se por intermédio de trocas culturais, principalmente com o movimento dos estoicos, ao qual emergiu o estigma à carne pecaminosa. Ademais, fora justamente a capacidade de incorporação de determinadas crenças ao credo que fizera o Cristianismo se legitimar perante as demais religiões. O discurso religioso também foi um importante fator no processo de estruturação da religião cristã nos primeiros séculos, posto que é por essa temática que desdobraremos o nosso artigo, uma vez que é pelo discurso que ocorre a pregação, posteriormente em forma de homilias, da criação de um novo homem, do homem cristão, alteridade aos pecadores e identidade da salvação.

Palavras-chave: Cristianismo; Antiguidade Tardia; Idade Média.

Abstract: Until the consecration of Christianity as the official religion of the Roman Empire by the emperor Theodosius, through the Thessalonica Edict of 380, adherents to this movement were persecuted and forced to renounce their faith. In this sense, the trajectory and the expansion of the Christian religion, attending numerous acculturation processes, has spread through cultural exchanges, especially with the movement of the Stoics, which emerged from the stigma to the sinful flesh. In addition, it was precisely the capacity of incorporating certain beliefs to the Christian creed that had made Christianity legitimate to other religions. The religious discourse was also an important factor in the structuring process of the Christian religion in the early centuries, since it is on this theme that we will unfold our article, since it is by discourse that preaching occurs later in the form of homilies, creating of a new man, of the Christian man, otherness to sinners and identity of salvation.

Keywords: Christianity; Late Antiquity; Middle Ages.

1. Mestrando em História Medieval pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Maranhão, com pesquisa em andamento intitulada O Pecado Original de Adão e Eva sob uma perspectiva tomista. E-mail: gattpablo@gmail.com

Introdução

Representar é uma forma de manter vivo os eventos ou a própria história que já aconteceu. Nesse sentido, os discursos repercutidos oralmente ou simbolizados em livros são as formas mais duradouras de conhecer o passado (PADOVESE, 1999, p. 9), posto que por meio da escrita, como combate ao esquecimento, estamos aptos a estudar e compreender os episódios históricos, tal como o processo de estruturação do Cristianismo, objeto principal de nosso artigo.

Marcado por inúmeros contornos e embates, visto que a religião cristã não fora considerada oficial até o século IV, o processo de expansão do Cristianismo legitimou-se pelo aparato discursivo, posto que logo em seguida assumiu a forma de homilias², pautadas na promoção dos ensinamentos religiosos das verdades universais contidas nas Sagradas Escrituras (SILVA, 2017, p. 229). Essa pregação oral posteriormente assumiu o caráter da transcrição, ganhando espaço no Império Romano posteriormente ao ano de 312. Mesmo com a presença de textos escritos a oralidade permaneceu como principal ferramenta de transmissão dos ensinamentos evangélicos, uma vez que as leituras eram de cunho explicativo e realizadas diante de uma assembleia ou em frente a todos integrantes da hierarquia sacerdotal, assim como as cópias dos textos sagrados eram destinadas ao público em geral.

222 Essa promoção das crenças cristãs fora realizada por três vertentes distintas, em um primeiro momento pelos representantes intelectuais do mais alto escalão do movimento cristão, que iam de cidade em cidade pregar os ensinamentos de Jesus, em seguida pelos próprios adeptos do movimento religioso, pertencentes as camadas mais baixas, que também o difundiram oralmente, e por último pela Paideia Cristã³. Por essas vertentes de comunicação a instituição religiosa pôde penetrar as massas e compreender um maior extensivo populacional, abrangendo 10% da população do Império Romano (70 milhões de habitantes).

Pelas expressões culturais e religiosas encontradas em cada povo⁴, por intermédio

2. Vocábulo proveniente do grego *omilia* e do latim *sermo*, são explicações e interpretações dos textos sagrados, com a finalidade de uma orientação prática.

3. A Paidéia Cristã, influenciada pela Paidéia grega, fora uma forma de ensino promovido pelo Cristianismo nos quatro primeiros séculos da nossa era para todos os indivíduos adeptos da religião crista. Nessa forma de ensino os interessados em aderir a religião estudavam os ensinamentos do Evangelho e se reuniam com os representantes e intelectuais que levavam de cidade em cidade os ensinamentos de Jesus. Formavam verdadeiros homens aptos a divulgar e enaltecer a Sagrada Escritura.

4. Mencionamos a nomenclatura *povo* em nosso trabalho na ideia de referenciar as comunidades ou povos presentes nos quatro primeiros séculos da era cristã, sejam elas comunidades judaicas ou helenizadas, e que não estavam incluídos no sistema religioso cristão, ou seja, não eram adeptos ou eram "adversários" do Cristianismo dos primeiros séculos.

dos significados simbólicos⁵ atribuídos aos diferentes acontecimentos e pelos discursos de efeitos de verdade, a Igreja cristã procurou disseminar a criação de um novo modelo de homem e de comportamento pela crença em um único Deus e na salvação advinda restritamente pela fé no mesmo. Ademais, na religião cristã todos eram iguais perante à Deus, não havendo uma disparidade de estamentos entre escravo e senhor, visto que, além disso, a religião possibilitou por meio do aparato discursivo um novo modelo de vida aos povos que antes não tinham contato com a possibilidade de uma vida fora do plano terreno (RAIMUNDO, 2015, p. 139). É uma história simbólica, discursiva, de lutas e de apropriações, dado que o Cristianismo concorria com demais movimentos religiosos que eram até mesmo mais populares que o mesmo nos quatro primeiros séculos da era cristã.

O corpo é objeto de investimentos tão imperiosos e urgentes; em qualquer sociedade, o corpo está preso no interior de poderes muito apertados, que lhe impõem limitações, proibições ou obrigações. Muitas coisas, entretanto, são novas nessas técnicas. A escala, em primeiro lugar, do controle: não se trata de cuidar do corpo, em massa, *grosso modo*, como se fosse uma unidade indissociável, mas de trabalhá-lo detalhadamente; de exercer sobre ele uma coerção sem folga, de mantê-lo ao nível mesmo da mecânica – movimentos, gestos, atitude, rapidez: poder infinitesimal sobre o corpo ativo (FOUCAULT, 1987, p. 126).

Nosso artigo pretende fazer uma revisão historiográfica acerca do processo de estruturação do Cristianismo nos quatro primeiros séculos da era cristã, assim como compreender como foi construída a identidade dos sujeitos cristãos em meio a uma pluralidade de culturas e de outras religiões no contexto da Antiguidade Clássica⁶, discutindo as trocas culturais, os adversários da religião cristã e o problema das línguas.

O discurso de criação da identidade cristã e as trocas culturais

A trajetória de estruturação do Cristianismo durante os quatro primeiros séculos

5. Os símbolos são acontecimentos, gestos ou atos que transmitem um significado. Influenciam no comportamento dos homens ao classificarem o mundo e introduzirem valores. Quando disputados, os símbolos são objetos que detém o monopólio sobre algo, uma vez que justificam uma ordem social (GEERTZ, 2008, p. 179). Pelo universo simbólico são criadas formas de diferenciação para cada comunidade, uma vez que cada cultura possui meios e formas para a construção de um mundo de significados e sentidos perante ao social. É por intermédio desses sistemas ou universos simbólicos que diferenciamos quem está excluído ou incluído, definindo assim, o que constitui uma prática culturalmente aceita.

6. Quando mencionamos uma pluralidade cultural ou as demais religiões presentes nos quatro primeiros séculos da era cristã estamos nos referindo ao contexto helenístico, ao judaísmo e aos movimentos religiosos contrários ao Cristianismo, como o arianismo, o gnosticismo e as correntes Adocionista e Modalista.

fora marcada por um rico e longo processo de aculturação⁷ e pela divulgação dos ensinamentos cristãos por intermédio dos discursos religiosos. Como representante do novo, alteridade à norma vigente, a religião cristã trouxe em seus discursos uma mensagem distinta perante as demais religiões, principalmente a religião judaica. Em seus discursos o Cristianismo almejava uma diferenciação para com os não adeptos da religião cristã, uma vez que esse mecanismo de diferença contribuiu para a criação da identidade religiosa do grupo cristão, visto que as construções de identidades se dão em meio as tensões entre representações, pois o social é marcado pela pluralidade das culturas.

A pregação cristã sem dúvida continha desde o início, quando os seguidores imediatos de Jesus trataram de difundir o *euangelion*, a 'Boa Nova', por todo o Império Romano, uma proposta de reforma social que implicava, ao mesmo tempo, a criação (ou fabricação, poderíamos também dizer) de um novo homem, ou seja, de um indivíduo cujos valores e comportamentos deveriam se pautar por uma adesão imediata a tudo que dissesse respeito ao Reino dos Céus, em detrimento da experiência terrena, mundana que, se supunha, não fosse adequada aos propósitos da salvação (SILVA, 2014, p. 1).

224 Inserido em um contexto plural, a religião cristã procurou reforçar o seu caráter identitário, dado que a identidade é permeada pelo caráter da diferença e ambas são relacionais, diferença seja ao outro ou aos outros, pois a construção de uma identidade depende estritamente da relação e da interação contínua com o entorno social. Nesse sentido, essas identidades não são fixas e não existem por si mesmas, agem em conjunto com os discursos religiosos, sendo múltiplas e mutáveis (WOODWARD, 2014, p. 9-10). Por sua vez, os discursos promovidos pelo Cristianismo dos primeiros séculos buscavam, o que mais tarde Michel Foucault chamará de adestramento dos corpos, a criação de um novo modelo corporal em conjunto com uma práxis social ao qual o novo homem, identificado como um sujeito cristão, estaria inserido e que fosse capaz de se comportar em qualquer ambiente ou situação, pois todas as suas atitudes estariam entrelaçadas com objetivo final da salvação da alma (FOUCAULT, 1987, p. 119). Esses discursos foram produzidos historicamente no que tange a regulamentação das atividades corporais, pois tendiam a uma disciplinarização dos corpos.

A religião, além de induzir motivações e disposições, formula ideias gerais de ordem, caso contrário, ela seria apenas um conjunto de normas morais. Nesse sentido, a religião, tem sempre a necessidade de explicar a ordem geral das coisas, independentemente de como esta explicação se desenvolva (ARAÚJO, 2015, p. 101)

7. O conceito de aculturação é utilizado nesse trabalho para compreender as trocas culturais realizadas pelos inúmeros movimentos religiosos nos quatro primeiros séculos da era cristã, em especial o movimento cristão. Usamo-lo para estudar a assimilação de elementos culturais externos à uma doutrina em formação, posto que a religião cristã integrou e reinterpretou elementos do mundo helenístico ao seu credo.

Nessa perspectiva, o Cristianismo buscou englobar todo o modo do viver cristão, ou seja, do viver corretamente, em uma única práxis social. Aliás, a religião cristã inaugurou a ideia de que o corpo vive pela alma, posto que todas as ações terrenas deveriam visar a salvação da mesma (RANHEL, 2018, p. 14-15). A temática do corpo permanecerá, em uma longa duração, como pilar essencial da religião cristã, relativizando todas as atitudes corporais perante ao Pecado Original de Adão e Eva, dado que a mancha do primeiro pecado, segundo Agostinho de Hipona, se faz presente na carne do homem desde o seu nascimento (CIDADE DE DEUS, XIV, I). Esse estigma corporal eclodiu no contato e no processo de trocas culturais realizado pelos representantes do Cristianismo dos primeiros séculos com os discursos promovidos pelas correntes ascetas, em que se acarretou para a cultura cristã uma influência negativa em relação ao corpo, conduzindo o mesmo a expressões mais radicais. Também no contato com o neoplatonismo a temática corporal fora reavaliada, o Cristianismo se tornou mais convidativo em relação às demais religiões da Antiguidade (FELDMAN, 2015, p. 25), mas por intermédio e influência do pensamento neoplatônico fora ressaltada a negação da carne e a vinculação da mesma a um princípio maligno.

Pois não apenas Deus tomou corpo, mas ensinou aos homens como, todos os dias e em toda parte, refazer Deus, ritualmente, na Eucaristia. Quando o padre diz: “este é o meu corpo, este é meu sangue”, os cristãos veem a Presença real sobre o altar, que acaba de ser moldada pelo padre. A partir de então, o paradigma do corpo comanda todas as representações, começando por aquelas do corpo físico do homem. Sem dúvida a tradição ascética representa o corpo como “prisão da alma”, porém cada vez mais o corpo é valorizado como instrumento da salvação, até nas macerações, no jejum e nos gestos da prece (SCHMITT, 2014, p. 23-24).

A verdadeira novidade trazida pela religião cristã fora a possibilidade de uma vida após a morte, de uma vida tranquila em que a alma do homem pudesse repousar calmamente, visto que para o alcance da plenitude eterna todas as ações terrenas deveriam estar de acordo com os ensinamentos de Jesus Cristo. Esse modelo de comportamento fora inspirado na vivência espiritual e carnal de Jesus Cristo, ao qual levou uma vida sem a presença do pecado e dos prazeres da carne.

Nesse período inicial houveram distintas culturas aos quais permearam a religião cristã e foram responsáveis por uma complexa troca de informações entre si, na qual podemos dizer que ocorreu a promoção da circularidade das ideias. Sendo assim, não devemos entender o Cristianismo, o Judaísmo e o Helenismo⁸, como culturas fechadas

8. O helenismo é o nome dado ao mundo ao qual o grego viveu, a cultura grega. Fora o resultado do encontro de inúmeras e variadas culturas locais do Mediterrâneo com a cultura grega, abrangendo um período que durou de 323 a.C. – 146 a.C. Basicamente são os modos de viver grego, em que houve o intercâmbio de cultura entre os gregos e os demais povos.

em si, uma vez que não foram formas culturais autônomas. Ademais, a história da expansão do Cristianismo se insere no contexto sociocultural greco-romano, em que o processo de estruturação abarcou uma pluralidade de culturas e uma intensa troca de informações, visto que a religião cristã integrou e reinterpretou elementos do mundo helenístico ao seu credo. Não se pode compreender o Cristianismo fora do contexto helenístico (CHEVITARESE, 2007, p. 09), posto que fora uma religião de variadas vertentes, líderes e ideias, mas ao mesmo tempo inovadora com o “propósito de forjar um novo homem que não seria apenas um indivíduo intelectualmente versado nos textos sagrados, mas também um indivíduo cujas atitudes, no dia a dia, revelariam de imediato as suas convicções religiosas” (SILVA, 2014, p. 8).

A longa caminhada em prol da pregação do Deus que salva e perdoa, devido ao caráter missionário do Cristianismo dos primeiros séculos, abarcou as territorialidades que atualmente conhecemos como o Egito, Gália, a África, África Setentrional e até mesmo a Ásia. Essa pregação fora conturbada no que tange os problemas linguísticos e pelas religiões adversárias ali presentes, gnósticas, simoníacas, ariana e judaica, uma vez que em alguns desses locais o Cristianismo não conseguira se firmar, seja pelo desconhecimento perante a cultura popular ou local, como por exemplo no Oriente, ou pelas invasões árabes, que promoveram a implantação do Islamismo e o favorecimento das linguagens populares ali presentes (PADOVESE, 1999, p. 169).

226

De caráter popular e simples, foram as gentes dos mais baixos estratos que deram início as primeiras comunidades cristãs, uma vez que os adeptos das camadas mais populares da sociedade encontravam-se restritos de quaisquer influências econômicas ou políticas. Ou seja, desde o início a literatura cristã destacou-se por seu caráter popular e funcional, que mais tarde no contato com os povos helenizados transvestirá em um problema linguístico, com a prevalência da linguagem grega e do latim (PADOVESE, 1999, p. 24-25).

Entendido até aqui como um movimento de várias vertentes, o Cristianismo dos primeiros séculos tem como característica a transcrição e a transmissão particular dos ensinamentos bíblicos, visto o contato direto e verbal pelos mais altos representantes da religião cristã com as demais comunidades. Essa alta hierarquia, composta por bispos e presbíteros, tinha como função a difusão do conhecimento por meio de constantes pregações, uma vez que objetivavam manter as comunidades por dentro dos assuntos e debates teológicos (PADOVESE, 1999, p. 29). Pelo caráter interrupto das pregações e das transmissões desses discursos, no momento em que eram realizadas as transcrições das homilias ocorriam inúmeras sínteses, culminando em representações simplórias de alguns discursos. Ademais, os próprios membros da comunidade revisavam e corrigiam suas próprias homilias, como Orígenes, Ambrósio, João Crisóstomo e Agostinho. O

ensino, de fato, foi elemento fundamental da Igreja cristã dos primeiros séculos.

Nota-se que pelo seu caráter discursivo e pessoal o Cristianismo conseguira se propagar rapidamente nos primeiros séculos. Propagada a mensagem cristã por missionários, tanto no Ocidente como Oriente, a palavra de Deus era levada rapidamente àqueles que a desconheciam, principalmente aos necessitados de conforto espiritual e aos que buscavam a salvação, pois fora uma religião de negação do mundo, em que o fim último se encontrava fora do plano terreno. Fora uma religião dos modestos, dos pequenos, dos pobres e dos oprimidos, exaltando as virtudes da mediocridade e da humildade (PADOVESE, 1999, p. 30).

Os adversários do cristianismo e o discurso do fim dos tempos na promoção do celibato

Por ser um movimento que trazia o novo, o Cristianismo encontrou inúmeros adversários durante o seu processo de estruturação nos dois primeiros séculos. O novo, que se configurou na salvação pela fé na imagem de Cristo morto e ressuscitado fora criticado tanto por pagãos quanto por judeus. Nesse sentido, pela dificuldade em quebrar o vínculo religioso-cultural que existia com o meio judaico, surge no seio da religião cristã o movimento ebionita. Como uma ramificação do Cristianismo composto por judeu-cristãos, os ebionistas negavam Jesus Cristo ao reconhecerem-no como um simples homem, rejeitando a transcendência da pessoa de Cristo (PADOVESE, 1999, p. 46). Como forma também de heresia⁹, nos primeiros anos do século II, Marcião rejeitou todos os livros do Antigo Testamento em seu caráter totalmente antijudaizante ao negar o nascimento de Jesus e a defesa de que o mesmo já apareceu no mundo em sua fase adulta.

Outro adversário da religião cristã fora o movimento gnóstico, que por sua vez negou todo o caráter carnal na valorização de Jesus apenas em sua vertente espiritual, rejeitando por assim dizer, toda a carne do homem. Na direção espiritual contrária, o arianismo, movimento encabeçado por Ário, teve como crença a negação da alma de Cristo. Ainda no final do segundo século, o movimento Adocionista compreendia Cristo como um anjo adotado por Deus para servir naquela função, já o movimento

9. A palavra heresia tem como função apontar os ensinamentos que são contrários à Sagrada Escritura. Em nosso trabalho identificamos como heresias os movimentos religiosos Modalista, Adocionista, o Arianismo e o gnosticismo. É uma indicação dos limites de integração social por parte da própria Igreja, sendo uma prática contrária aos dogmas instituídos pela Igreja por parte dos membros de uma comunidade. Ver mais em: RUST, Leandro; CASTANHO, Gabriel. A Igreja como passado: um prologo historiográfico. *Veredas da História*. Rio de Janeiro: v. 10, n. 2, p. 9-21, 2017.

Modalista, defendido por Noeto, afirmava que o próprio Deus sofrera e morrera por nós na cruz (RAIMUNDO, 2015, p. 136). Essas associações de Jesus à figura do homem caído em pecado trouxeram problemas para a chamada Cristologia, uma vez que Melitão de Sardes, na Ásia do século segundo, defendeu a ideia da unidade homem-Cristo, ao alegar que Jesus é um homem perfeito, pois seu corpo provinha de uma natureza humana e o seu espírito de uma natureza divina. De fato, o reconhecimento da imagem humana de Jesus caminhou lado a lado com o seu reconhecimento divino (PADOVESE, 1999, p. 47). Para o Cristianismo, por meio dos sofrimentos e como forma de libertação, Cristo fora um homem das dores e da obediência. O espírito de Deus repousa nele, Ele é o Verbo de Deus. (PADOVESE, 1999, p. 139)

Nesse anúncio do novo, os Padres da Igreja dos primeiros séculos em seus discursos realizaram a pregação da escatologia juntamente com o advento da salvação por intermédio da fé em Jesus e dos bons comportamentos. Esses homens acreditavam estar convictos de suas vitórias na batalha final, uma vez que Jesus estivera reinando ao lado deles, sendo assim, os mesmos depositavam pouco valor na pregação escatológica. Ademais, o Juízo Final agregou pouca importância no cotidiano desses indivíduos, ganhando força apenas no Credo instituído pelo Concílio de Niceia em 325 d.C. Embora o tema do Juízo Final fosse comentado nos discursos religiosos, a temática da escatologia tornou-se extremamente popular somente no século XII, em que as primeiras alusões mostram a figura de Jesus como um bom pastor cuidando de seu rebanho, responsável no que tange a separação entre as boas e más ovelhas.

228

Esses frades mencionavam, com frequência, o Juízo Final em seus sermões proferidos especialmente ao longo da Quaresma, enfatizando constantemente a necessidade de arrependimento porque o fim dos dias estaria se aproximando. Os dominicanos Giordano da Pisa, Jacopo Passavanti e Vicente Ferrer, por exemplo, todos mencionaram o momento do julgamento final em diversos de seus sermões; Passavanti descreveu em detalhes, em *seu Specchio della vera penitenza*, não somente o Juízo Final, mas especialmente as punições infernais (QUÍRICO, 2015, p. 10-11).

Durante o primeiro século o clima era vivenciado por uma escatologia já realizada. Esse tempo entre a primeira vinda de Cristo e a parusia representava um tempo de penitências, em que o desejo e arrependimento dos pecados fora um forte vetor presente nos discursos desses Padres. Era uma vinda bastante próxima, visto que o Cristianismo é uma religião de pregação do fim do mundo.

No século segundo em diante o medo perante ao fim mundo ganhou forças. Os discursos religiosos dos Pais da Igreja impulsionaram a necessidade de boas obras pelo medo do castigo. Era-se esperada agora uma salvação individual em que o coletivo perdera forças. Com o objetivo final de alcançar a salvação, os cristãos deveriam aceitar

sua presença no mundo, mas também aspirar a saída do mesmo, pois o fim último não seria objetivado no plano terreno e sim no espiritual e celestial.

Em virtude dela é que pastores como os que citamos acima reconhecem que o cristão se encontra no centro de um bipolarismo entre um "já" e um "não ainda". Com isso bem presente, consideram que o compromisso do cristão no mundo consiste em viver no presente com uma forte consciência da relatividade do todo e do futuro para o qual está encaminhando. Este anseio pelo futuro, todavia, não legitima a fuga da realidade, pois o presente também é tempo de deus e o pobre que hoje encontramos é Cristo (PADOVESE, 1999, p. 94).

Essa persistência na vinda de Jesus influenciou o modelo de vida que findará na ascese cristã, pois os homens se manterão conservados, perseverantes e esperando a volta de Cristo, levando uma vida igual ao qual Jesus levou. Nesse sentido, a ascese funcionou como um adiantamento da vinda de Cristo, pois a práxis social asceta pautou-se no fim da reprodução, ou seja, a virgindade fora considerada uma forma de ouro para as mulheres e a castidade era tida como prata para os homens (PADOVESE, 1999, p. 89). Além disso, o sexo e o matrimônio passaram a ser relativizados pela escatologia, uma vez que Jesus tenha levado uma vida pautada pela abstinência de ambos, em que se gera uma sensação negativa perante ao matrimônio, como ímpeto à parusia.

229

Ora, jamais uma civilização tinha atribuído tanto peso - e preço - à culpabilidade e à vergonha como fez o Ocidente. Estamos aqui diante de um fato da maior importância que não se pode esclarecer completamente. Tentar fazer a história do pecado, portanto da desfavorável imagem de si, dentro de um espaço e um recorte cronológico determinados, é colocar-se no centro do universo humano. É destacar ao mesmo tempo um conjunto de relações e de atitudes constitutivas de uma mentalidade coletiva. É encontrar a mediação de uma sociedade sobre a liberdade humana, a vida e a morte, o fracasso e o mal. É descobrir sua concepção das relações do homem com Deus e a representação que ele fazia deste último. É, portanto, dentro de certos limites, empreender conjuntamente uma história de Deus e uma história do homem (DELUMEAU, 2003, p. 14)

A castidade, nessa analogia, aparece como o modo de vida mais elevado. Essa visão fora defendida principalmente pelos estoicos, movimento de ramificação do Cristianismo que negou qualquer parte do ato sexual, em que o processo de aculturação mais uma vez corrobora com o sistema de estruturação da instituição cristã. Ainda nesse processo de aculturação promovido pela religião cristã, o Cristianismo ao assimilar elementos voltados ao estudo e ao ensino, já defendidos pelos anacoretas e cenobitas, cria a instituição dos mosteiros, destinados àqueles que desejam levar uma vida reclusa e sem luxo. Basílio de Cesárea (379), corrigindo e aprimorando os meios de convivência e reclusos da vida social, agrega ao lado dos mosteiros compartimentos

que funcionariam como escolas, orfanatos e asilos. Agostinho de Hipona no ano de 395, na África, também funda um mosteiro, impactando diretamente nos modos de dirigir a Igreja local (PADOVESE, 1999, p. 147). Foram diversas formas de vidas monásticas que perpetuaram durante os primeiros séculos da era cristã, sendo a figura do monge aquele que busca o conhecimento e que “chora os seus próprios pecados e os pecados dos homens e que, com uma vida de oração, meditação e penitencia, procura conseguir a sua salvação e a salvação dos homens” (LE GOFF, 1989, p. 10). O monge tem o objetivo de adorar e servir exclusivamente à Deus.

O processo de enraizamento na cultura helenística e o problema das línguas

Embora o Cristianismo dos primeiros séculos fosse um movimento de cunho heterogêneo, expressado pelo caráter da alteridade e pelo afastamento ao Judaísmo, os cristãos definitivamente representavam uma criatura nova (PADOVESE, 1999, p. 137), pois até o século IV viveram julgados e condenados por serem adeptos da vertente religiosa a qual optaram (PADOVESE, 1999, p. 147). Nesse percurso de divulgação e promoção a Igreja se expressou por diferentes linguagens, uma vez que veio a prevalecer posteriormente o latim e o grego devido a forte influência da cultura helenística.

230

Desse enraizamento do Cristianismo dos primeiros séculos nas diversas culturas aflorou um processo de aculturação, dado que as camadas mais populares foram as que mais abraçaram essa mudança. Nesse sentido, a religião cristã se adaptou aos inúmeros ambientes a sua volta, pois abrangeu todo o universo simbólico dos diferentes povos e difundiu-se por diversas formas sempre com a missão de pregação de um novo homem, crente na salvação pela fé em Cristo morto e ressuscitado. Foi um processo de aculturação que ocorreu durante toda a história da Igreja e ainda continua ocorrendo.

Nas palavras do historiador Jean-Claude Schmit (2014, p. 79), a adaptação foi o segredo do sucesso da religião cristã, posto que o movimento de renovação promovido pelo Cristianismo ao fazer contato com comunidades judaicas-helenísticas conquistou maior aceitação. A religião cristã desenvolveu mecanismos para uma maior compreensão do popular ao realizar traduções dos anúncios bíblicos para o grego e ao conseguir que os textos Sagrados fossem lidos e aceitos no meio social, conquistando muitos que estavam em busca de um guia para suas vidas (PADOVESE, 1999, p. 157). O apóstolo Paulo, nesse sentido, trabalhou para a promoção de um Cristianismo helenizado, na justificativa de que a Torá (Antigo Testamento), assumisse a função de um livro pedagógico até a segunda vinda de Jesus. É por intermédio do contato do

Judaísmo da diáspora com a cultura helenística que a tradução da Bíblia para o grego ocorreu, atraindo assim, a atenção daqueles que estavam incluídos na estrutura da *polis* grega.

Nessa passagem do mundo palestino ao mundo helenizado, o Cristianismo conquistou um maior contingente populacional devido ao helenismo no Império aglutinar todos os povos em uma única cultura. Sendo assim, quanto mais traduções realizadas, maior fora público de escuta (PADOVESE, 1999, p. 158). Por essa generalização no mundo greco-romano, conseqüentemente na *polis* grega, ao qual a Igreja se insere, a missão dos evangelizadores cristãos passou a funcionar mediante ao caráter interno, pois a abrangência do Império fora extensa. É uma passagem de um mundo rural para uma Antioquia citadina e culturalmente diversificada.

Como descreve o historiador Paul Veyne em sua obra *Quando o mundo se tornou cristão* (2011), um dos acontecimentos decisivos para a história do ocidente e do Cristianismo, realizado por Constantino no ano de 312, fora a conversão do próprio imperador. Ao optar pela religião cristã, o mesmo tinha em mente uma visão além do caráter religioso, posto que foi uma época de transição. Para a historiadora Silvia Márcia Alves Siqueira (2010, p. 151-152), foi assumindo o comando desse movimento religioso pela salvação da humanidade que Constantino ao converter-se ao Cristianismo tornou-se o difusor principal da mensagem defendida pela religião cristã.

231

Um dos acontecimentos decisivos da história ocidental e até mesmo da história mundial deu-se no ano de 312 no imenso Império Romano. A Igreja cristã tinha começado muito mal esse século IV de nossa era: de 303 a 311, sofrerá uma das piores perseguições de sua história, milhares foram mortos. Em 311, um dos quatro co-imperadores que repartiam entre si o governo do Império estava decidido a pôr fim àquele estado de coisas, reconhecendo amargamente em sua atitude de tolerância que perseguir não adiantava nada, pois muitos cristãos que tinham renegado sua fé para salvar a vida não tinham voltado ao paganismo. Assim (e esse, à época, foi um assunto de inquietação para um governante), criaram-se buracos no tecido religioso da sociedade. Ora, no ano seguinte, 312, deu-se um dos acontecimentos mais imprevisíveis: outro dos co-imperadores, Constantino, o herói dessa grande história, converteu-se ao cristianismo depois de um sonho ("sob este sinal vencerás"). Por essa época, considera-se que só cinco ou dez por cento da população do Império (70 milhões de habitantes, talvez) eram cristãos (VEYNE, 2011, p. 5)

Com a conversão de Constantino, no século seguinte todos os Césares, tornados cristãos, encerrarão o fim das perseguições aos cristãos, visto "a obra religiosa de Constantino é de fundamental importância, pois levou o estabelecimento de um Império Cristão" (CARLAN; FUNARI; RABÊLO, 2017, p. 18). Agora a Igreja é soberana, em que as mensagens cristãs sofrerão modificações ao inserir-se em um contexto citadino. A obediência da figura feminina, dos filhos e dos escravos ao marido é um veículo importante na divulgação da nova religião, visto que fora esse patriarcalismo que

garantiu a sobrevivência e a difusão da Igreja em meio a um conservadorismo social, uma vez que anteriormente, pelo caráter rural, não se necessitava dessa pregação de subordinação (PADOVESE, 1999, p. 159). Foi um dificultoso processo de adaptação para a religião cristã, seja aos mundos, culturas, conceitos, experiências e principalmente as línguas.

A adaptação em nível linguístico-conceitual. A esse respeito, a passagem do anúncio cristão do âmbito linguístico aramaico ao grego significou também uma mudança no âmbito dos conteúdos e representações. A terminologia que expressa bem esse fenômeno de aculturação é a cristológica: o título de "Messias" (*Christós*, Ungido), por não ter significado para os gregos, tornou-se sobrenome de Jesus: Jesus o Messias se transformou em Jesus Cristo (PADOVESE, 1999, p. 160).

Nesse processo de separação do Cristianismo de sua terra natal para um contexto helenizado, em que ganhou maior força e divulgação, assim como sofre com um processo maior de aculturação, a religião cristã criou um novo universo simbólico e pouco a pouco tornou-se uma *religio vira*, estruturando-se em um mundo permeado pelo paganismo helenista. Nesse sentido, é por intermédio de um sistema simbólico que a cultura cristã forneceu meios para a construção de um novo mundo, juntamente com a criação de novos significados e sentidos. Foram esses sistemas simbólicos que possibilitaram a diferenciação de cada comunidade e fizera cada sujeito cristão vivenciar sua experiência religiosa de maneira distinta, uma vez que cada comunidade cristã moldou sua cultura e suas próprias formas de organização do mundo. Ademais, o desinteresse pelo campo aumentou devido a soberania do caráter urbano, assumindo-se assim, as línguas cultas das cidades, o grego e o latim. No século IV, o Cristianismo dividiu-se em duas vertentes linguísticas, o latim dos cultos e dos altos estamentos e a língua provincial, ligada as massas autóctones (PADOVESE, 1999, p. 169).

Além dessa homogeneização pela *polis* grega, pela linguagem única do Espírito Santo, em que os cristãos se reconciliam e se percebem como iguais, cada povo passou a ouvir em sua língua os anunciadores das grandezas de Deus, dado que devemos levar em consideração as dificuldades encontradas nas diferenças culturais e espaciais, como fora o caso do Oriente (PADOVESE, 1999, p. 167). Mesmo com as homilias em caráter de transcrição, a oralidade fora o principal mecanismo de transmissão dos ensinamentos evangélicos. Definitivamente os problemas dos Apologistas do Cristianismo dos primeiros séculos foram os das línguas, visto que inseridos em um contexto helenizado ignoravam as culturas populares, assim como a linguagem autóctone ao transmitir os discursos religiosos apenas na linguagem latina, língua do ambiente urbano (PADOVESE, 1999, p. 168). Esse problema ocorria, pois, uma vez que esses povos eram conquistados pelo Império Romano, os mesmos passavam a ser considerados latinos e incluídos pela língua latina.

O problema das línguas ainda persistia na África e no Oriente próximo e com as invasões árabes o Cristianismo perdeu espaços para as religiões que abrangeram as massas ou o popular que davam cada vez mais destaque as línguas consideradas não cultas, a linguagem *Volksprache*, visto que “depois dos anos 600 a metade das regiões cristãs que tinha pertencido ao Império tornou-se muçulmana sem dificuldade aparente” (VEYNE, 2011, p. 5). Em contrapartida, a adaptação faz do Cristianismo, no Egito do século III, o propulsor dos cultos populares, sendo aceito e divulgado por meio da linguagem local e que não se encaixava no esquema de classe grego (PADOVESE, 1999, p. 171). A linguagem copta, adotada como meio de evangelização para as massas ignorava o grego e fora a forma utilizada, garantindo o sucesso da religião cristã no Egito, posto que um século antes já haviam traduções do grego para o copta no intuito de que a mensagem das Sagradas Escrituras pudesse ser divulgada.

Esse esquema desenvolvido pelo viés cristão-helenizado teve maior propagação e aceitação na Ásia Menor, mesmo que disputando com culturas locais. O caráter helenizado fora aceito e propagado estritamente pela vertente cidadina, visto que o Cristianismo fora considerado uma religião de língua culta, ligada à administração do Império. Mesmo assim, a religião cristã não deixou de se fragmentar para uma maior abrangência e essa fragmentação religiosa garantiu o não enfraquecimento da Igreja no contexto de desestruturação do Império Romano. Ademais, divisões e divergências entre a Igreja greco-latina e a oriental foram inevitáveis justamente devido ao problema das línguas e pelos seus desdobramentos naturais. Em um quadro geral, no Ocidente o Cristianismo se estruturou por intermédio da linguagem culta, que viria a ser o grego e o latim, abrangendo somente o entendimento de uma pequena parcela social, uma vez que diferentemente no Oriente, por intermédio dos idiomas populares sírios, armênio, copta, entre outros, a religião cristã compreendeu um maior contingente populacional. A diferença das línguas e as formas de adaptação da religião cristã aos inúmeros contextos culturais e sociais fizera com que o Cristianismo extrapolasse as barreiras físicas e principalmente culturais imposta pelo Império Romano.

Considerações finais

Com o seu processo de estruturação em andamento, a Igreja dos primeiros séculos ainda passou por diversos problemas, pois a vertente helenizada a impossibilitava de abranger a totalidade das línguas. São considerados como problemas: o entendimento dos bárbaros quando convertidos como cristãos de segunda, a exigência do saber grego e do latim para ser considerado cristão, as seitas, o paganismo e as supostas

heresias que ainda adotavam linguagem autóctones, e por fim, o caráter dos símbolos que substituía a necessidade da língua falada (PADOVESE, 1999, p. 157). Todavia, o sucesso do Cristianismo no mundo helenista fora devido a não necessidade da negação da cultura grega, pois fora a religião cristã que se adaptou ao novo contexto, seja pela renovação do vocabulário, de empréstimo simbólicos, pela polissemia das línguas ou pelas mudanças de significados. Esse sucesso se deu devido ao fato de não ser necessário negar o Antigo Testamento, já que o mesmo funcionava como uma forma de pedagogo, também pela própria cultura grega complementar o Cristianismo e pela criação de uma nova identidade social pelas vias da cultura helenística ao se diferenciar como um movimento de renovação dentro do próprio Judaísmo. Fora uma missão de evangelização dentro de um terreno já cultivado pela vertente judaica-helenizada.

O Cristianismo, ao contrário, ... oferecia a adesão ao monoteísmo, uma ética superior e plenos direitos religiosos, e isso sem circuncisão, sem mandamentos rituais, sem limitações que pudessem ter efeitos negativos sobre o status social deles. Isso torna mais compreensível o conflito entre Judaísmo e Cristianismo: a missão cristã conquistava justamente aqueles que sustentavam o judaísmo (PADOVESE, 1999, p. 182).

234

Fora uma "revolução linguística, que se realizou quanto aos elementos essenciais no decurso de algumas gerações, é o teste mais eloquente da revolução espiritual produzida pelo Cristianismo no mundo antigo" (PADOVESE, 1999, p. 178). Ainda na Antiguidade Tardia, os textos sagrados, de cunhos normativos e disciplinadores, quando lidos por comunidades distantes desenvolviam uma sensação de pertencimento, responsáveis pela criação de uma sociedade imaginada, pautada nos ensinamentos de Jesus. A literatura cristã cumpriu a função de unificação da Igreja e buscou compreender a totalidade do homem, em seu aspecto carnal e espiritual. Nesse sentido, o Cristianismo promoveu a maior revolução espiritual e linguística vista no Ocidente (PADOVESE, 1999, p. 178), culminando em sua oficialização como religião oficial do Império Romano e que durante toda a Idade Média legitimou uma representação religiosa de mundo devido ao amplo lugar ocupado pela Igreja no cotidiano dos sujeitos cristãos do período. Foi uma época em que não houve espaço para o fator da descrença, uma sociedade profundamente marcada pelo pensamento cristão que perdurou pelo menos por quinze séculos.

Referências Bibliográficas

AGOSTINHO DE HIPONA. **Cidade de Deus**. Tradução B. Dombart e A. Kalb. Lisboa:

Edição da Fundação Calouste Gulbenkian, 2000.

ARAUJO, Cristiano Santos. Religião, sagrado e poder: considerações conceituais em Geertz, Terrin e Deluze. *Ciberteologia - Revista de Teologia e Cultura*, São Paulo, Ano XI, n. 51, p. 99-111, 2015.

CARLAN, Cláudio Umpierre; FUNARI, Pedro Paulo; RABÊLO, Lalaine. Religião e rivalidade no século IV: algumas considerações. In: CARVALO, Margarida Maria; FUNARI, Pedro Paulo; CARLAN; Cláudio Umpierre; PAPA, Helena Amália. **Religiões e Religiosidades na Antiguidade Tardia**. Curitiba: Editora Prismas, 2017.

CHEVITARESE, André Leandro; CORNELLI, Gabriele. **Judaísmo, Cristianismo, Helenismo**. Ensaio sobre Interações Culturais no Mediterrâneo Antigo. São Paulo: Annablume / FAPESP, 2007.

DELUMEAU, Jean. **O pecado e o medo: a culpabilização no Ocidente (séculos 13-18)**. Bauru: EDUSC, 2003.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. 26ª edição. Trad. Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 1987.

FELDMAN, Sérgio Alberto. **Amantes e bastardos**. Vitória: EDUFES, 2015.

GEERTZ, Clifford. **The interpretation of culture**. Nova York: Basic Books, 1973. (Trad., português: A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: LTC, 2008.)

LE GOFF, Jacques. **O homem medieval**. Porto: Imprensa Portuguesa, 1989.

PADOVESE, Luigi. **Introdução à teologia patrística**. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

QUÍRICO, Tamara. A representação do Juízo Final como imagem devocional. In: **XXVIII Simpósio Nacional de História: Lugares dos historiadores: velhos e novos desafios**. Florianópolis, p. 1-13, 2015.

RANEL, André Silva. História do corpo na Idade Média: representações, símbolos e cultura popular. **Veredas da História**, v. 11, n.1 p. 10-31, 2018.

RAIMUNDO, Mariana. A consolidação da identidade cristã no século IV. **Revista Cantareira**, v. II, p. 132-147, 2015.

SCHMITT, Jean-Claude. **O corpo, os ritos, os sonhos o tempo: ensaios de antropologia medieval**. Petrópolis: Vozes, 2014.

SILVA, Gilvan Ventura da. Homilia e educação cristã na Antiguidade Tardia: a relação corpo, igreja e cidade segundo João Crisóstomo. **Acta Scientiarum**, v.36, p. 1-12, 2014.

SILVA, Gilvan Ventura da. Cultura escrita e comunicação oral no cristianismo antigo: as homilias como instrumentos de poder. **Romanistas - Revista de Estudos Grecolatinos**, n. 9, p. 212-233, 2017.

SIQUEIRA, Silvia M.A. Reflexões sobre política e igreja no século IV: um olhar para as mulheres cristãs. **Dimensões**, vol. 25, p. 148-163, 2015.

VEYNE, Paul. **Quando o mundo se tornou cristão**. São Paulo: Civilização Brasileira, 2011.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. IN: SILVA, Tomaz Tadeu da; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença**. Petrópolis: Vozes, 2000.